

Empregadas Domésticas e o Voto nas Eleições para a Prefeitura de São Paulo em 2012*

Juliana Moura Bueno**

Mesa

Identities, Pertencencia y Participación Electoral

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar, a partir de entrevistas em profundidade realizadas no segundo semestre de 2012, as opiniões de nove empregadas domésticas sobre a política nacional e relacioná-las com seus respectivos votos para o cargo de prefeito de São Paulo nas eleições municipais de 2012. A tentativa é de responder perguntas como: O que as classes mais baixas pensam sobre política? Fenômenos eleitorais recentes como a eleição de Lula em 2002 e 2006 e a eleição de Dilma Rousseff em 2010 estariam relacionadas com o comportamento eleitoral dessas mulheres nas eleições municipais de São Paulo em 2012?

Palavras-Chave: *Empregadas domésticas, eleições municipais de 2012, São Paulo, Lulismo*

Abstract: Our aim with this article aims to analyze nine domestic workers opinions' about politics in Brazil and relate it to their electoral behavior during the 2012 municipal elections in São Paulo. With that in mind, we conducted in-depth interviews to answer questions such as: What the lower classes think about politics? Recent political phenomena, such as the two elections of Lula and the election of current Brazilian president Dilma Rousseff are somehow related to their electoral choices in the latest municipal elections in São Paulo?

Key-Words: *Domestic workers, 2012 municipal elections, São Paulo, Lulism.*

¹ Trabalho preparado para apresentação no VII Congresso Latinoamericano de Ciencia Política, organizado pela Associação Latinoamericana de Ciências Política (ALACIP), Bogotá, 25 ao 27 de setembro de 2013.

² Juliana Moura Bueno é aluna de graduação do curso de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo

Introdução

Mudanças nas condições de vida levaram grupos sociais a ter outra percepção da realidade. Como aponta Singer, o surgimento do Lulismo – fenômeno político que conjuga um programa de reformismo fraco dentro da ordem com avanços sociais que beneficiaram uma grande parcela da população - teve, como resultado, um fenômeno que a ciência política norteamericana chama de realinhamento eleitoral e impactou, principalmente, no comportamento político da classe chamada de “subproletariado”.¹

Para os efeitos da nossa pesquisa, parece-nos que o Lulismo tenha tornado mais evidentes os sinais de que certa classe social tenha adquirido relevância para o debate em torno das eleições, sendo possível, inclusive, que tal classe em ascensão tenha passado a ser essencial para a decisão dos pleitos eleitorais no Brasil. Não que anteriormente não fizessem a diferença nas votações nas eleições, justamente porque compõe grande parcela da população, mas, porque pode ser que pela primeira vez em muito tempo o olhar da política (e dos políticos também) tenha se deslocado para outra chave: O que as classes mais baixas pensam sobre política? E como agem eleitoralmente frente a essas mudanças?

Para responder essa e outras perguntas, propusemo-nos a estudar uma fração dessa classe em ascensão, nomeadamente as empregadas domésticas. Assim, a presente pesquisa tem como objetivo verificar as opiniões de empregadas domésticas sobre a política nacional a cotejo de seus respectivos votos para o cargo de prefeito de São Paulo nas eleições de outubro de 2012. Visando tal objetivo, foram realizadas entrevistas em profundidade com nove empregadas domésticas, que tinham como foco questões sobre política, para então tentarmos entender como suas opiniões se refletiram na escolha de seus candidatos nas eleições municipais de 2012 em São Paulo.

Diferentemente da maioria das pesquisas eleitorais realizadas hoje em dia que padronizam tanto perguntas quanto as possibilidade de respostas – os *surveys* –, a escolha pelo método qualitativo com entrevistas em profundidade se deu justamente dentro do entendimento de que os aspectos de formação das preferências eleitorais dessas empregadas domésticas poderiam ser mais bem captados se investigássemos justamente o que as influenciou na escolha dos candidatos. O nosso universo reduzido de nove empregadas domésticas é ao mesmo tempo um limitador e um desafio. O

¹ Conceito que o autor pegou emprestado de seu pai, Paul Singer, que se refere, em linhas maiores, a uma “superpopulação trabalhadora superempobrecida permanentemente” em SINGER, 2012, p.15.

desafio é, nesse sentido, conseguir articular um movimento mais geral da sociedade com as trajetórias e narrativas de vida dessas nove mulheres entrevistadas e, claro, com a formação de suas preferências em termos eleitorais.

Entrevistando Empregadas Domésticas: a escolha pelo método qualitativo

O presente artigo é resultado do relatório final de pesquisa de iniciação científica que realizamos de agosto de 2012 a julho de 2013. Os trabalhos de pesquisa seguiram, principalmente, duas frentes. A primeira delas sendo a de entrevistar empregadas domésticas com título de eleitora no município de São Paulo resultou na realização de 09 (nove) entrevistas, na qual a primeira foi realizada dia 26 de agosto de 2012 e a última em 17 de novembro do mesmo ano.

Outra frente centrou-se no trabalho de articulação do campo as teorias sobre o comportamento eleitoral das classes mais baixas, também tratadas na discussão bibliográfica e que também articulam a dimensão das mudanças recentes na conjuntura política e sócio-econômica do Brasil e as questões de comportamento eleitoral, que se inscrevem numa discussão mais ampla sobre os rumos das eleições, e de forma mais abrangente, da política no Brasil.

A proposta foi ir a campo no período de agosto a novembro de 2012, especificamente pela ocorrência das eleições municipais, para fazer entrevistas em profundidade com dez empregadas domésticas. Acabamos realizando uma entrevista a menos que o previsto inicialmente o que se justifica pela dificuldade em estabelecer contato com empregadas domésticas, o que se mostrou uma das partes mais desafiadoras da pesquisa. Além da resistência de várias empregadas domésticas em aceitar serem entrevistadas, também tivemos percalços para achar pessoas que pudessem desempenhar o papel de informantes. Como se sabe, em uma pesquisa que não tem base territorial a existência de um(a) informante que possa facilitar ou mesmo viabilizar o contato com quem se quer pesquisar é dificultada. Isso porque não seria suficiente ter apenas um(a) informante, mas vários informantes que me facilitassem o contato com empregadas domésticas em diferentes lugares, uma vez que dificilmente um único informante conseguiria mediar o contato com várias daquelas trabalhadoras ao mesmo tempo.

Nesse caso, a saída que encontramos para conseguir algumas entrevistas, ainda que não fosse a mais indicada foi pedir a conhecidos que me colocassem em contato

com pessoas próximas a elas que empregavam esse tipo de mão-de-obra em suas casas - o receio em relação a utilizar esse método para nos aproximarmos das entrevistadas era que a relação, ainda que distante, que possivelmente tínhamos com os patrões dessas empregadas pudesse fazer com que elas não se sentissem a vontade para serem sinceras em suas respostas, ou que tivessem medo de que alguma informação fosse repassada a eles. Após entrevistar algumas empregadas domésticas, por meio desse tipo de aproximação, conseguimos novas entrevistas, a partir da mediação de algumas entrevistadas. Ainda assim, não consegui atingir o número de dez entrevistadas, como proposto inicialmente.

A ida ao campo foi feita de forma experimental, sem uma hipótese bem consolidada inicialmente, mas com a suspeita de que as empregadas domésticas teriam comportamento eleitoral muito semelhante aos estratos populares da sociedade brasileira, caracterizados por André Singer como subproletariado. Segundo o cientista político, essa camada caracterizar-se-ia principalmente pelo apego ao resguardo da ordem social ao mesmo tempo em que fazem demandas por mudanças nas condições de vida, a serem promovidas pelo estado.

Após a fase entrevistas, buscamos confrontar suas escolhas eleitorais nas eleições municipais de 2012 em São Paulo, com os outros dados coletados durante as entrevistas, especificamente suas trajetórias de vida e visões de mundo e da política na tentativa de compreender melhor como suas preferências eleitorais se formaram.

As eleições municipais de São Paulo em 2012

Poucos analistas poderiam prever que o quadro eleitoral nas eleições municipais paulistas em 2012 fosse ser tão nebuloso quanto foi, em especial, no primeiro turno.

Em março de 2012, quando Fernando Haddad, o então pré-candidato do Partido dos Trabalhadores (PT) licenciou-se de seu cargo de Ministro do Ministério da Educação e Cultura (MEC), a campanha petista, com o aval de Lula, já dava sinais de que iria se centrar na captação dos votos de uma fração de classe que não era muito afeita ao partido dos trabalhadores. Para tal, a escolha de Fernando Haddad – que muito teve a influência de Lula, que passou a ser seu padrinho político - era estratégica. Isso, justamente porque Haddad teria um perfil que agradaria os eleitores da chamada classe média, quem o PT achava que deveria conquistar para ganhar as eleições: Haddad é

paulistano, professor universitário da mais prestigiada universidade brasileira, branco e bem apessoado, com formação universitária robusta. Seu maior adversário, o já conhecido ex-prefeito e ex-governador de São Paulo, José Serra, já tinha em seu currículo o fato de que, anos antes, abandonara o cargo de prefeito para concorrer às eleições ao governo do Estado em 2006.

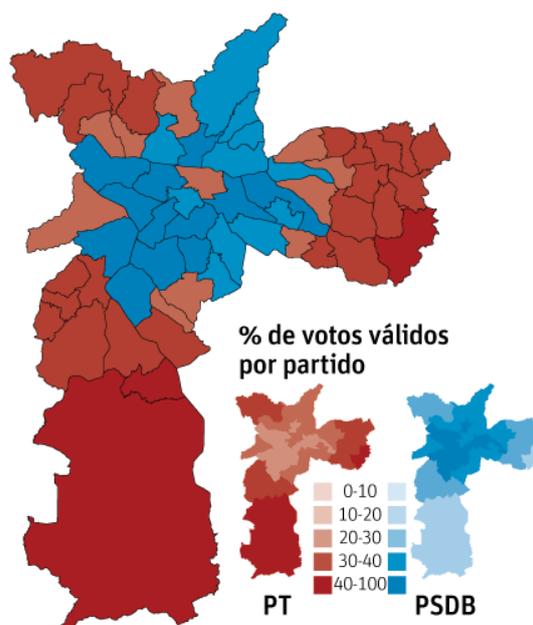
Outro candidato, mas esse da base governista, Gabriel Chalita, era um jovem político do interior, ex-secretário de educação do governo do estado de São Paulo (2003-2006), e segundo deputado federal mais votado do estado nas eleições de 2010. Chalita havia sido anunciado como candidato do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), com o apadrinhamento do vice-presidente da República Michel Temer, já em 2012, logo após ter decidido se filiar ao PMDB, especialmente com esse intuito.

Mas foi o surgimento de um fenômeno que mais marcou o primeiro turno das eleições, que foi o alto índice de intenção de voto que o candidato do Partido Republicano Brasileiro (PRB), Celso Russomanno, que ainda é difícil de ser explicado e analisado. Russomanno ficou conhecido por, na década de 1990, apresentar de programa de TV no qual mediava reclamações de consumidores que se sentiam lesados por empresas de vários ramos, exibiu as filmagens da morte de sua esposa em um hospital de São Paulo.

Com a fama que ganhou pela TV, elegeu-se deputado federal em São Paulo pelo PSDB, em 1994, migrou para o Partido Progressista Brasileiro (PPB) em 1997 e se reelegeu deputado federal pela sigla de Paulo Maluf - que mudou de nome para Partido Progressista (PP) em 2003 - em outras três ocasiões (1998, 2002 e 2006). Em 2010, já disputara as eleições para o governo de São Paulo, ficando em terceiro lugar, atrás de Geraldo Alckmin (PSDB) e Mercadante (PT) Nas eleições de 2010, disputou pela primeira vez um cargo no executivo. Ele concorreu ao governo do Estado de São Paulo, terminando o pleito em terceiro lugar, atrás de Geraldo Alckmin (PSDB) e Aloizio Mercadante (PT). E, por causa de desavenças com Paulo Maluf, saiu do PP em 2011 para filiar-se ao Partido Republicano Brasileiro (PRB), ligado à igreja universal, em 2011.

Apesar de tempo de TV e rádio menor que todos os outros três candidatos, Russomanno conseguiu se manter na frente nas pesquisas eleitorais até, pelo menos, uma semana antes do dia da votação do primeiro turno. O ex-apresentador de TV e advogado do consumidor, que em sua campanha acabou veiculando propostas anti-

populares como a instituição de tarifa de ônibus proporcional à distância percorrida, esquecendo-se que grande parte da população mais pobre, seus eleitores até então, percorrem grandes distâncias no transporte público da capital diariamente, deparou-se com resultado frustrante no primeiro turno. Cogitou-se que Russomanno era uma resposta do eleitor, cansado da polarização entre PT e PSDB, cogitou-se que sua desvinculação de um partido ou legenda forte abriria caminho os eleitores votarem em um outsider, e há também a explicação que o relaciona com



Fonte: Site da Folha de São Paulo, Seção 'Eleições 2012', disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/poder/1176889-pt-cresce-em-areas-onde-perdeu-em-2008-em-sao-paulo.shtml>

o Lulismo, uma vez que tal fenômeno teria criado uma base partidária ampla, sem distinção ideológica, na qual conviviam em âmbito federal de lideranças petistas aos evangélicos do PRB.

A última pesquisa eleitoral antes do primeiro turno apontou empate técnico entre os candidatos Haddad, Serra e Russomanno, cada um com 22% das intenções. Mas foi José Serra quem ganhou o primeiro turno, com 30,75%, Fernando Haddad ficou em segundo lugar, com 28,98% dos votos e, com 21,6% dos votos, em terceiro lugar ficou Celso Russomanno. Gabriel Chalita, que já havia declarado que apoiaria Fernando Haddad no segundo turno, ficou com 13,6% dos votos. Concorreram à prefeitura, ainda, outros oito candidatos: Soninha (PPS), Carlos Giannazi (PSOL), Paulinho da Força (PDT), Levy Fidélis (PRTB), Ana Luíza (PSTU), Miguel Manso (PPL), Eymael (PSDC) e Anaí Caproni (PCO) que obtiveram, juntos, pouco mais de 5% dos votos.

O segundo turno foi marcado pela polarização entre PT e PSDB, mas no qual Haddad conseguiu reorganizar os votos da periferia, partilhados com Russomanno no primeiro turno, em torno de sua candidatura e, assim, vencer o segundo turno. O PT cresceu em áreas que perdeu em 2008, principalmente no centro expandido de São Paulo, derrotando José Serra com aproximadamente 55% dos votos.

Quem são as empregadas domésticas entrevistadas?

Nome*	Elza	Sueli	Denise	Renata	Aracélis	Haydée	Ana	Maria José	Sebastiana
Idade	42	44	50	31	24	52	50	51	52
Bairro onde reside	Vila Tiradentes	Jaguarié	Jardim das Graças	Jardins	Penha	Arouche	Brasilândia	Valo Velho	Jardim Virginia Bianca
Bairro(s) onde trabalha	Jardins	Jardins	Jardins / Morumbi	Jardins	República / Itaquera / Vila Matilde	Bela Vista	Santana	Jardins	Tucuruvi
Registrada?	Sim	Sim	Sim (mas tem dois empregos, em um deles não é)	Não	Não	Sim	Sim	Sim	Não
Em quem votou no primeiro turno?	Serra	Haddad	Serra	Haddad	Serra	Haddad	Haddad	Serra	Serra
Em quem votou no segundo turno?	Serra	Serra	Serra	Haddad	Serra	Haddad	Haddad	Serra	Serra
Origem (UF)	Bahia	Bahia	São Paulo	Paraíba	São Paulo	Minas Gerais	Minas Gerais	Pernambuco	Bahia
Salário	R\$ 1.800	R\$ 1.800	R\$1000 (registrada) + R\$600	R\$ 750	R\$ 700	R\$ 1.500	R\$ 1.600	R\$ 1.050	R\$ 1.200
Dorme no emprego?	Sim	Sim	Não	Sim	Não	Não	Não	Sim	Não

**Para os efeitos das análises das entrevistas, todos os nomes citados foram mudados, tanto das entrevistadas quanto de seus patrões e patroas, para preservar suas identidades.*

As Empregadas e o Voto

O processo de ascensão social vivido por algumas das entrevistadas, e questões como a questão da migração, a relação com a patroa, a crítica ao poder público local centrada na sua ausência, o reconhecimento do período eleitoral como um período de promessas que não serão cumpridas por parte de candidatos, o reconhecimento da existência de direitos trabalhistas, dentre outras que questões, são parte das histórias de vida dessas mulheres e requerem cuidados específicos nas mediações a serem feitas para que possam ser relacionadas com o voto de cada uma delas.

No primeiro turno, quatro empregadas domésticas votaram no candidato do partido dos trabalhadores, Fernando Haddad, e outras cinco votaram no candidato do PSDB, o ex-governador e ex-prefeito José Serra. Já no segundo turno, a amostra se alterou: três empregadas domésticas votaram em Fernando Haddad e cinco em José Serra. A especificidade dessa alteração diz respeito, especificamente, a um voto de uma entrevistada que declarou ter mudado de candidato de um turno para o outro quando sua patroa lhe recomendou.

Um fato curioso é a ausência de votos em candidatos que não José Serra e Fernando Haddad, representantes dos dois partidos que, em âmbito nacional, polarizam, desde 1994, as disputas presidenciais. É bem verdade que Ana, uma das entrevistadas, que durante muitos anos foi cabo eleitoral de candidatos do PT na sua comunidade, e mais especificamente do atual deputado federal Paulo Teixeira (PT-SP), declarou que iria votar nulo, pois no PT não votaria mais após ver Lula apertando a mão do político Paulo Maluf. Sebastiana, também cogitou votar em Celso porque ele aparecia como o candidato ‘novo na política’, mas quem ela já conhecia da televisão e sabia que ele auxiliava as pessoas mais pobres, pois ouvira de uma conhecida que Russomanno esteve em seu bairro com essa finalidade. Ao final, a entrevistada que cogitou votar nulo no primeiro turno acabou votando em Fernando Haddad e a entrevistada que cogitou votar em Russomanno mudou seu voto e acabou votando em José Serra.

Não houve uma entrevistada que disse preferir o PT e, ao mesmo tempo, votou em outro partido. É sabido que o PT goza de uma ampla vantagem com relação aos outros partidos brasileiros no que diz respeito à preferência partidária no Brasil. Na pesquisa de preferência partidária publicada em maio de 2011 pelo Datafolha, o PT tem 32% de preferência do PT com renda entre 3 e 5 salários mínimos, e na mesma faixa de renda o PSDB teve 6% da preferência. Na faixa de renda entre 5 e 10 salários mínimos, o PT tem 29% de preferência partidária e o PSDB apenas 8%. Nossa hipótese é que, no caso das empregadas domésticas entrevistadas, a relação de identificação partidária com o PT está ligada a um reconhecimento dos candidatos do PT como aqueles que defendem a população menos favorecida, e, em especial, que passaram mais recentemente a estar relacionados com a figura de Lula. Quem sabe, um novo “pai dos pobres”.

Apenas uma das entrevistadas, Aracélis, disse ter ficado em dúvida sobre votar em Serra ou em Haddad. Pensou em Haddad pelas propostas que o candidato fez com relação a creches, mas votou em Serra porque acreditou que ele foi o responsável pela construção do CEU Tiquatira, onde uma de suas filhas estuda atualmente, ainda que a prefeitura tenha iniciado as obras já sob o comando de Kassab, em 2007², e que José Serra tenha feito sua campanha à prefeitura em 2004 reiterando o fato de que o CEUs,

² Após tomar posse e suspender no início do ano as obras de seis CEUs indicados como prioridade na área da educação pela então candidata à reeleição Marta em 2004, com críticas duras ao modelo de CEUs, Serra anunciou em 2006 a construção de cinco novas unidades de CEUs na periferia de São Paulo, das quais constava o CEU Tiquatira, que fica no bairro da Penha, na Zona Leste de São Paulo.

idealizados pela prefeitura do PT de Marta Suplicy, seriam malfeitos e não atendiam às demandas reais da educação na cidade de São Paulo.

Maria José nos disse que não tinha nada contra Lula, Haddad, que eles “não fediam, nem cheiravam”, mas que um episódio em sua juventude a fez prometer que nunca mais votaria em um candidato do PT:

*“Votei pra prefeito no serra nos dois turnos e pra vereador não votei. **Por que no Serra?** Porque eu não voto no PT. Desde quando eu me entendi por gente, eu falei que não ia votar no PT e não voto. Na época que eu fui tirar meu título, eu sou gêmea com minha irmã, e nós duas éramos muito parecidas. A campanha do PT foi e me levou pra tirar o título, só que um dos vereadores ia recolher e rasgar o que assinei porque estavam fazendo cadastro duplo. E aí chegaram as eleições e eles queriam que eu votasse na folha [referindo-se à cédula]. Tentei tirar o título na Bahia e não deu certo, quando cheguei aqui tirei o título. Pois bem, decidi que nunca mais votaria no PT. A minha família toda vota neles, mas eu não. Se só tivesse o PT e outro, eu votava em outro, independente de quem fosse o outro candidato, eu voto contra o PT. **Tem alguma outra coisa que o PT fez que te faz não gostar deles?** Não, só isso mesmo.”*

Elza votou em José Serra pela confiança que depositou no voto de sua patroa, que pediu a ela que votasse em José Serra. A entrevistada relatou não ter muito contato com política, não conhecer ninguém, e, por isso mesmo, aceitava as indicações de sua patroa. Elza também disse que em 2008 votou no Kassab, apesar de não ter mencionado a influencia da patroa no seu voto então. Ao mesmo tempo, também não fez a ligação de que o Serra seria o candidato de continuidade da gestão Kassab, quem, ela, em 2008, votara para prefeito. Em outras eleições, aceitou a indicação da patroa também.

*“Votei no Kassab em 2008, eu gostei da gestão dele. Vi que teve alguma mudança para melhor na cidade. Como sou uma pessoa que não sai, fico mais aqui na casa, vi sim que mudou. Lado de saúde, moradia, tudo isso e educação. **Você acha que foi o Kassab que fez isso?** Pela força do povo, acho que se ele foi escolhido, foi ele que fez também. **E para presidente, você lembra em quem votou?** Dilma e Serra, né? Eu votei no Serra, foi indicação da minha patroa, a Dona Waldívia a me indicou.”*

Também mencionou, posteriormente, que não votou em Haddad porque não sabia quem o candidato e que Serra parecia ser mais preparado e já era conhecido:

“Haddad? Eu nunca tinha ouvido falar do Haddad. Por isso continuei no Serra, porque era um político conhecido, não que eu o conhecesse pessoalmente, porque não conheço, claro.”

Renata, migrante da Paraíba, disse que iria votar em Haddad exclusivamente porque ele era o candidato do Lula. Relatou que toda sua família da Paraíba gosta do Lula, e que não iria dar um voto diferente porque era melhor que combinasse com o resto de sua família:

“Você votou em Lula? Votei, duas vezes. E nas últimas eleições para presidente, em quem você votou? [...] Você não lembra? Não. Tinha a Dilma, o Serra. Ah, é, foi na Dilma, a candidata do Lula. O Serra não! Lá em casa todo mundo da família era para Dilma, para Dilma, um voto só diferente não né.. E ela era da parte de Lula, tava apoiando ele. Ele foi um presidente que não tem o que reclamar, não tem o que queixar. Fez muita coisa boa. E para prefeito? Vou votar no Haddad porque ele indicou. Só por isso? Sim, até agora ninguém teve o que se queixar de Dilma, tá sendo uma boa presidente né.”

Sueli foi o único caso, dentre as entrevistadas, que mudou de voto do primeiro para o segundo turno. Disse não entender muito de política, mas que tinha simpatizado com Fernando Haddad, que uma pessoa de seu bairro, o Jaguaré, havia feito campanha para. Além disso, disse que suas propostas pareciam boas. Citou a proposta do bilhete único mensal de Haddad como algo muito bom, fazendo, inclusive, menção à lembrança de que fora Marta Suplicy, durante a gestão do PT na prefeitura de São Paulo, de 2001 a 2004, quem implantara o bilhete único na cidade. Ao relatar seu voto no segundo turno, Sueli contou que mudou de candidato. Segundo ela, depois que sua patroa soube que votou no candidato do PT no primeiro turno, ela a chamou para uma conversa para “explicar as coisas”. As explicações que a patroa lhe deu giravam em torno de conseguir mostrar a Sueli que o PT era um partido relacionado à corrupção, formulação que a própria não soube explicar direito. Depois de ouvir a patroa, Sueli mudou seu voto no segundo turno para José Serra.

Denise foi a entrevistada que mais relatou decepção, principalmente com as promessas não cumpridas do Partido dos Trabalhadores. Ao mesmo tempo, não relatou ter os mesmos ressentimentos com o PSDB, ou o DEM, do prefeito anterior, Gilberto Kassab e descreveu José Serra como um candidato confiável:

“Achei que o Serra me passou mais confiança. Assim, sei lá, mais confiança. Peguei pelo jornal e conversei com umas pessoas, também

assisti um debate e achei que o Haddad foi grosso, não soube se comportar muito bem. Mas você tinha pensado em votar no Haddad? Não. Quer dizer, eu esperei, mas não, né.”

Ao ser indagada sobre o porquê de ter votado em Serra e se poderia nos contar quais qualidades viu no candidato, Denise respondeu com relatos sobre o descaso do PT com seu bairro. Especificamente no caso de uma ocupação chamada “Antigo Clube de Moradia”³, na região da Freguesia do Ó, Zona Norte de São Paulo, região onde mora. O seu relato é de que o PT teria feito promessas para ajudar essas famílias que nunca teriam sido cumpridas. Além disso, além de priorizar políticas públicas de transferência direta de renda, para Denise, o PT age errado, pois deveria focar em dar, principalmente, moradia para os mais necessitados.

“E que qualidades a senhora vê no Serra? Olha, o PT prometeu muita coisa, prometeu creche, moradia. Na Freguesia [do Ó] tem uma ocupação chamada “Antigo Clube de Moradia”. Pessoal do PT foi lá, e prometeu que... Assim, essas pessoas trabalham e renda fixa, mas não tem como financiar a casa pela Caixa [Econômica Federal], essas moradias são o que então, a prefeitura faz junto com o estado e a pessoa passa 10% do salário, mas só que isso que eles [...] Faz oito anos. Como elas não pagam aluguel, tem umas até que conseguiram juntar e dar entrada. Outras não tem como, é difícil juntar R\$8mil, R\$12mil. A maioria quer só uma moradia digna. Então, ao invés de fazer bolsa-família, bolsa-aquilo, precisaria fazer o que? Dar casa pra essas pessoas. Se tiver creche a pessoa tem onde deixar seu filho e de moradia digna. Não de cem, cento e cinquenta reais que é essas bolsas que eles inventam. A senhora conhece alguém que recebe o bolsa-família? Como meu marido teve esses problemas [de saúde], eu não conheço ninguém que tem bolsa-família. Mas o PT prometeu, realmente, moradia pra essas famílias.”

Denise também mencionou diversas vezes o fato de ter “conhecimento de causa” da situação dessas famílias que recebem as bolsas porque seu marido era nordestino e ela sabia o que acontece no nordeste. Além de falar sobre as promessas não cumpridas de Lula no Nordeste, como a negação de que o desemprego tenha caído na região, ainda que não seja verdade, ao mesmo tempo em que fala de promessas de construções de hospitais – que não são atribuição única e exclusiva do governo federal – não cumpridas, a entrevistada fez ligação direta, ainda que de forma não intencional, entre

³ Procuramos mais informações sobre essa ocupação e nada foi encontrado tendo como referência a ocupação de um antigo clube e a região da Freguesia do Ó, na Zona Norte.

quem recebe dinheiro dos programas do governo federal e os nordestinos. Além disso, mostra a crença, que também apareceu no discurso de outra entrevistada, de que as mudanças que ocorreram em outras regiões do país nada tem a ver com políticas públicas:

*“**Você não gosta do PT?** Não, não é que eu não gosto, mas eles prometeram muito e fizeram nada. **Mas quem prometeu?** O Lula.. O candidato deles que foi à época lá no bairro também. Candidato de agora não, o candidato que foi lá pedir voto pra Dilma, falaram que faltou parceria. Foram lá pedir apoio pra Dilma continuar fazendo o que o Lula fez. **Mas você já voltou no PT alguma vez?** Já, no Lula. Em 2002. O Lula ficou um tempo, acho que deu o tempo dele, não fez o que deveria fazer, acho que ele deveria dar lugar para outro. **Tipo o que?** Ah, ele falou que fez um monte de coisa no nordeste - não foi feito. Falou que ia melhorar emprego e hospital no nordeste, e não fez. E como eu sei isso? Porque meu marido é do nordeste, meu genro é do alagoas. Pernambuco teve muitas melhorias, mas não foi exatamente o governo que fez né, foi o povo que foi estudando e procurando melhoria, muitos que vieram pra cá melhoraram e voltaram pro nordeste. Por que eles tão voltando? O turismo tá melhor lá né?”*

Ao mesmo tempo, Denise, que relatou o preconceito que sua filha sofre por ser negra, que seu marido sofre por ser nordestino e as dificuldades de se viver uma vida na periferia, confessou ter votado no que chamou de “candidato dos ricos”, o mesmo candidato pelo qual seus patrões, já que tem três empregos, se identificam:

*“**Você conversa com tuas patroas de política? Elas falaram em quem elas iam votar pra ti?** O patrão da Cidade Jardim falou pra mim que ia votar no Serra, o do Morumbi também. **Você acha que tem uma ligação do pessoal desses bairros melhores que votam no Serra?** Meu marido fala que o Serra é o candidato dos ricos. **E você acha que ele tem razão?** É [pausa]. Tem sim.”*

Assim como Denise, Haydée reconheceu o candidato Serra como candidato dos ricos. Haydée, que votou em Fernando Haddad, disse ser eleitora fiel do PT, desde os tempos de Lula. Isso porque o Lula seria, historicamente, o candidato da gente pobre e, José Serra, em contrapartida, um candidato identificado com os patrões:

*“Olha, eu não gosto do Serra porque o Serra é o candidato dos ricos. **Ah, é?** É, eu sempre votei no Lula e vou continuar votando, votar em quem a patroa vota não dá, né? **Mas por que não dá?** Ah, a gente precisa de alguém que pegue nossa causa e encampe, sabe? A vida melhorou, melhorou muito. Mas*

a gente ainda recebe muito mal, esse salário precisa subir. Aliás, você não pode me ajudar com isso?"

Ao mesmo tempo, Denise demonstrou também votar no PT porque acredita que eles estão melhorando a vida das pessoas em outros locais onde há pobres e não apenas no seu bairro, ou em sua própria vida. Além disso, também se posicionou contra o candidato José Serra, pois disse que na época em que ele estava na prefeitura, cancelou o edital de um concurso que ela havia prestado e passado e, segundo a entrevistada, isso foi feito porque “as pessoas certas não haviam sido beneficiadas”. O que ela quis dizer, que não podemos atestar a veracidade, é que se sentiu “deixada de lado” por ser pobre, o que só reforçou seu discurso anti-PSDB.

*“Ah, o Lula melhorou a vida de muita gente sim, não aqui. Olha, no Nordeste as coisas tão bem melhor, viu? **Você tem parentes lá?** Não, meus parentes estão todos em Três Corações [em Minas Gerais]. Não, não em Três Corações exatamente, mas na roça, bem na roça de Três Corações. **E como você sabe que a vida no Nordeste melhorou?** A gente sabe né, a gente vê. O povo que era muito pobre, agora tá conseguindo viver, né?”*

Ana é uma simpatizante e militante histórica do PT, ainda que nunca tenha sido filiada ao partido. Durante as décadas de 1990 e 2000 fez campanha para diversos candidatos do PT em seu bairro, a Brasilândia, principalmente, para o atual deputado federal Paulo Teixeira. A identificação de Ana com o PT sempre esteve ligada à atuação de políticos do PT junto aos movimentos sociais em seu bairro e, de forma mais geral, à representação do povo mais necessitado da região. Contudo, nas eleições de 2012, Ana nos disse que não votaria mais no PT depois que viu Lula apertar a mão de Maluf. Mostrou-se decidida a votar nulo, uma vez que entendeu que o PT, após se aliar com Maluf, perdeu a capacidade de servir como partido que tinha o olhar mais voltado para os mais pobres.

*“**Você tá pensando em não votar? Não tem ninguém?** Não sei, esse ano tá assim, uma coisa sem graça. Assim, eu não tou confiando mais nesse povo que esta entrando. Você vai lá e falam pra você ‘ah, esse aqui é legal, esse aqui é bonzinho’ quando o cara chega lá, ele muda tudo. Você acha que chega lá o cara vira a cabeça. Ah, não, chega, esse ano quero votar nulo. **E pra vereador?** Ah, pra vereador também, nulo. Não conheço nenhum vereador, vou votar pra que? O único que passam falando aqui no bairro é esse tal de Eliseu Gabriel, mandando carta, ligando, não conheço o trabalho dele. **E nos outros anos, teve candidato que você votou?** Teve. O Simão Pedro, Paulo Teixeira, aquele que veio e abraçou a gente, fiz campanha para*

eles. Pelo menos, os outros faziam alguma coisa lá em cima, estavam sempre acompanhando, ajudando na comunidade, presentes. Hoje em dia, tá difícil. E a senhora lembra-se de algum prefeito que gostou, alguma gestão boa? Olha, de verdade? Eu gostei da Luiza Erundina e da Marta. Por quê? Olha, a Erundina no tempo dela as escolas eram bem melhor. Eram beeeem melhor, principalmente a que as meninas estudaram. A escola era dez. E a Marta foi a prefeita que ajudou a gente né, principalmente com o bilhete único. Nossa, isso aí é muito bom. Antes eu tinha que pagar duas conduções pro serviço, duas pra ir e duas pra voltar. E a senhora lembra de mais alguma coisa? O que eu gostei também foi quando ela deu a metade da posse pro pessoal da favela aqui em cima, mas a gente sabia que futuramente o negócio ia ser indenizado. Foi a Marta? Foi. Ficou bem claro o papel dela, a gente sabia que se não fosse ela, o negócio ia demorar pro pessoal de lá. E a senhora não vai votar em ninguém, se tivesse que votar em alguém, em quem a senhora iria votar? Deixa eu ver.. Olha, no Serra eu não votaria nunca. Por que? Porque ele é um cara que começa e não termina né. Eu gostava muito do PT, quando eu vi o Lula se aliando ao Maluf. Tô fora. Por que? Porque eu nunca gostei do Maluf, nunca gostei. Quando eu vi os dois lá.. Aquilo ali. Nossa.”

Posteriormente, em conversa telefônica, Ana admitiu que acabou votando em Haddad no primeiro e no segundo turno. Após refletir sobre a possibilidade de José Serra ganhar as eleições, Ana escolheu Fernando Haddad porque, apesar de Haddad ter sido indicado por Lula, que apertou a mão de Maluf, disse saber que a gestão dele seria melhor que a de Serra, com um olhar mais voltado para as questões sociais.

Sebastiana foi a única entrevistada que mencionou a possibilidade de votar em Celso Russomanno, o candidato do Partido Republicano Brasileiro. Por ter ouvido falar que, com seu programa de TV, Russomanno havia conseguido arranjar cadeiras de rodas de graça para pessoas carentes – conhecidos de uma conhecida, além do fato de que ele era alguém de fora da política, que ainda não teria sido contaminado, poderia ser alguém em quem depositar confiança. Além disso, Sebastiana também demonstrou simpatia por Paulo Maluf, quem, além de dividir legenda, também era chamado de padrinho de Russomanno. Apesar do fato de que Russomanno declarou publicamente que se sentia desconfortável em ser comparado com Maluf, ou mesmo que ele fosse considerado seu padrinho. A campanha eleitoral de Russomanno centrou-se na tentativa de, além de diferenciá-lo de Maluf por ser alguém de mãos-limpas, um candidato não contaminado pela velha política.

"Esse negócio de política não é pra mim não. Entra um e fala que vai fazer alguma coisa, vem o outro e fala que vai fazer também. É sempre assim né? E você acha que o Russomanno vai fazer algo? Olha, não sei. Mas vamos tentar né. E você conhece o Russomanno da onde? Ah, ele era da TV, você não viu? Ajudava gente pobre, era um homem bom.. E é do partido do Maluf né? A senhora gosta do Maluf? É o que todo mundo diz, ele roubou? Roubou, mas fez um monte de coisa. O que? Olha, a vida era muito melhor quando tinha o Maluf, a gente sabia que ia no posto e tinha gente pra atender, que ia na creche e ia ter vaga."

Para Sebastiana, a imagem de “homem que faz” de Paulo Maluf não necessariamente era a mesma imagem de Russomanno, mas, ainda assim, Russomanno poderia ser uma pessoa com certo potencial para ser um homem que faria algo. Após o primeiro turno, entramos em contato telefônico com Sebastiana, que disse que, no fim das contas, havia votado em José Serra. Acabou mudando o voto com medo do PT, o qual já na primeira entrevista havia relatado não simpatizar, ganhar a eleição e ainda disse que no segundo turno repetiria o voto em José Serra.

Conclusões

Evidente que este artigo não se situa em um campo neutro e isento. A escolha por entrevistar empregadas domésticas foi guiada não só por motivos estritamente de mapeamento de comportamento político. Entendemos como dado relevante que, já na segunda década dos anos 2000, o trabalho doméstico ainda tenha centralidade na constituição da sociedade brasileira. Isso pode ser demonstrado por um intenso debate público ocorrido no último semestre com a aprovação da chamada “PEC das Domésticas”⁴, que foi um grande divisor de águas para a sociedade brasileira. O trabalho doméstico virou tema debatidíssimo não só no Congresso Nacional, mas no cotidiano da sociedade brasileira, além ter ganhado as manchetes dos principais veículos de comunicação de maior circulação no país.

Em termos de contexto social, consideramos neste estudo não só a divisão sexual do trabalho, que coloca a mulher como pertencente ao âmbito da família e ao espaço

⁴ A PEC nº 478/2010, também chamada de “PEC das Domésticas”, ampliou os direitos trabalhistas das empregadas domésticas, equiparando-os aos direitos de todas as outras categorias laborais. O conteúdo da PEC, que se transformou na emenda constitucional no. 72/2013 está disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc/emc72.htm

doméstico⁵, mas também as condições históricas do trabalho doméstico no Brasil. Retomando a questão de como a temática das empregadas domésticas está articulada socialmente, acreditamos que refletir sobre as atuais condições do trabalho doméstico na sociedade brasileira tem alguns propósitos. Primeiramente, porque serve não apenas para a compreensão das condições sociais sob as quais esse tipo de trabalho se realiza na sociedade, mas também, porque engendra três características importantes, que na nossa interpretação são também componentes marcantes da própria sociedade brasileira: a primeira delas, é a evidência de que ainda não nos desvencilhamos das nossas raízes escravocratas, pensando justamente o quão ligada ao nosso passado escravocrata essa forma de trabalho ainda está, ao servilismo no ambiente familiar e à ligação das domésticas com a família – com discursos de famílias que muitas vezes dizem “elas são parte da família” ou “ela é uma segunda mãe” e o fato de que o trabalho exercido por essas mulheres pode ser considerado improdutivo; a segunda, a sua dimensão de gênero, uma vez que é uma profissão exercida historicamente e majoritariamente por mulheres⁶; e, a terceira, as relações de trabalho deterioradas, relativas à própria condição de precarização da trabalhadora doméstica – vide o fato que até muito pouco tempo atrás nem legislação para sua regulação existia, e, sua aprovação gerou controvérsias profundas.

A própria PEC das Domésticas, ao trazer à tona o debate sobre a regulamentação do trabalho doméstico foi um divisor de águas na sociedade brasileira. Isso porque ela trouxe à tona manifestações de posicionamentos dicotômicos e muito bem conformados na sociedade: aqueles que eram a favor da PEC, entendendo que a categoria das empregadas domésticas deveria ter seus direitos igualados a todas as outras categorias laborais, e aqueles que eram contra PEC, que, entre outros argumentos, argumentaram sobre a dificuldade que as famílias iriam ter em manter suas empregadas domésticas por ter que arcar com novos custos, imprevistos e que possivelmente não caberiam no orçamento familiar, a defesa de que o número de desempregados no Brasil iria aumentar porque a nova legislação resultaria em muitas demissões, entre outros argumentos.

Nesse sentido, a articulação das esferas de dominação no ambiente familiar, com relação às empregadas domésticas especificamente, mostrou-se um tema relevante. Muitas das preferências das domésticas que entrevistamos – e não falamos apenas do

⁵ HIRATA, H.; KERGOAT, D., 2007.

⁶ Segundo dados da PNAD 2011, há em torno de 7 milhões de trabalhadores domésticos no Brasil, dos quais 96% são mulheres.

comportamento eleitoral – parece vir dos padrões, quando não há referência direta ao próprio padrão ou patroa.

Apesar da relevância da influência dos padrões no comportamento eleitoral das empregadas domésticas esse não foi o único fator influente em sua formação, tampouco podemos dizer que o mais importante também. Quando indagadas sobre o porquê de votarem em um ou outro candidato, as respostas são variadas. Apareceram na entrevista desde as respostas mais diretas como, por exemplo, “votoi no Haddad porque ele era o candidato do Lula”, deixando evidente que a estratégia do PT de colar Fernando Haddad na principal figura do Lulismo deu certo.

Contudo, é possível dizer que o Partido dos Trabalhadores, ainda que tenha sido o escolhido de parte das entrevistadas, não conseguiu fazer com que o seu candidato à prefeitura, Fernando Haddad, passasse confiança às eleitoras. Isso porque, mesmo quando eleitoras do PT, as empregadas domésticas o viam como “o candidato do Lula” e não sabiam muito bem quais eram as propostas do então candidato. Essa pode ser uma evidência de que a imagem dos candidatos do PT não está necessariamente ligada ao atendimento de demandas, ao conteúdo político de seu programa, mas sim, à imagem de Lula. A desordem na organização das relações entre os partidos, que pôde ser representada nessas eleições no episódio marcante no qual Lula apertava a mão de Paulo Maluf, seu adversário histórico, causou, sem dúvida, confusão nas entrevistadas. Em certa medida, não apenas confusão, mas também revolta. A desconfiança que o episódio suscitou parece não ter reverberado em ônus político à candidatura do PT na capital, vide a vitória com ampla vantagem no segundo de Fernando Haddad, com quase 57% dos votos válidos. Mas, tendo isso em mente, é possível que, em futuras eleições, essas eleitoras levem esse episódio em conta e passem a cogitar, como fez a empregada doméstica Ana, votar em outros candidatos que não os do PT para os cargos majoritários, ainda que, como ela, sejam eleitores antigos e fiéis do PT.

As eleitoras mais recentes do PT, que ligam o partido à imagem de Lula, podem ser relacionadas ao fenômeno eleitoral do Lulismo, e não ao petismo e, por isso mesmo, acabaram não sendo afetadas por essas alianças. A flexibilização do conteúdo ideológico do PT, demonstrada também pelas alianças eleitorais que o partido passou a fazer - mas não só - pode ter se transformado em um elemento que causa certa desordem na imagem dos eleitorais do sistema partidário, abrindo caminho para confusões e, inclusive, para o aparecimento de candidaturas que ensaiam sucesso como a de Celso

Russomanno em São Paulo. O Lulismo, que “(...) sob o signo da contradição. Conservação e mudança, reprodução e superação, decepção e esperança num mesmo movimento”⁷, não tem uma plataforma de transformação radical da sociedade, mas sim, a inclusão das classes populares em uma forma de cidadania operada principalmente pelo acesso ao consumo por meio de crédito, ao mesmo tempo em que fortalecia os alicerces do capital financeiro no país. Afinal, como disse o próprio Lula, nunca antes na história desse país um governo teria feito tanto pelos mais pobres, ao mesmo tempo em que, nunca antes na história desse país os bancos lucraram tanto. Nas entrevistas que fizemos, o Lulismo se materializou de duas formas: a primeira, na fala das entrevistadas que declaradamente passaram a votar nos indicados de Lula nas eleições, reconhecendo o Lula como defensor dos pobres, bem como na polarização em época de pleitos eleitorais, a partir das falas das empregadas que reconhecem em José Serra o candidato dos ricos ou, em Lula e por vezes o PT, como aqueles que defendem os pobres, dão-lhes auxílio financeiro e/ou lhes ajudaram a melhorar a vida.

Pode-se pensar que a melhora da situação dos pobres que o Lulismo propiciou, pode se tornar uma moeda de troca que traria a estabilidade do voto das classes menos abastadas ao PT, enquanto as políticas de reformismo fraco continuarem, pois, como disse Renata quando indagada sobre o que ela acha que aconteceria se o bolsa-família fosse cancelado, “*Ninguém ia ficar a favor de quem tirou benefício de pessoas carentes que tavam precisando*”. Mas, apesar de lógica, tal hipótese deve ser pensada e até melhor estudada, uma vez que eleitoras como Maria José, que não votam no PT, mas estariam dispostas a votar em quaisquer outros candidatos, inclusive os da base do Lulismo, uma vez que esteve presente no discurso das nossas entrevistadas a impressão de que os candidatos nas eleições e seus programas políticos são “sempre a mesma coisa”. Para essas eleitoras, há, nas eleições, algo de “mesmice” nas dinâmicas eleitorais: os candidatos são sempre iguais, prometem sempre que vão melhorar a situação. O que apareceu nas entrevistas pode até ser entendido como certo desencantamento geral da política com as entrevistas. As alianças feitas pelo Partido dos Trabalhadores, em especial com Paulo Maluf e com outros partidos conservadores como o próprio PRB, o PR, entre outros, parecem ter afetado, em especial, as militantes mais antigas do Partido, bem como a entrevistada Ana. Assim, o Lulismo acabou por, além de tornar real um alinhamento de pessoas mais pobres à política de alcance de

⁷ Singer, 2012, p.9.

benefícios graduais, por meio da intervenção do Estado, criar certa desorganização no próprio sistema partidário.

Se as empregadas domésticas que entrevistamos não souberam localizar ideologicamente se o PT, o PSDB e outros partidos seriam considerados de esquerda, ou de direita, com relação à sua própria autolocalização, em uma escala ideológica, nenhuma delas soube dizer se era de direita e esquerda. Não souberam, tampouco, explicar o que era esquerda e o que era direita. Várias entrevistadas relataram ser ao mesmo tempo a contra o aborto e a favor da união civil homoafetiva, defenderam melhorias nos serviços públicos, mas não articulam tal ideia à questão dos direitos e cidadania, eram contra o Bolsa-Família, mas não conheciam ninguém que o recebia. Por vezes, elas também fizeram leituras nas quais “bons políticos” seriam aqueles candidatos que fazem benfeitorias em seus arredores, enquanto em outros momentos, valorizaram a melhora de vida de classes menos favorecidas, inclusive em outras regiões como no Nordeste, fruto de políticas públicas, seriam questões defensáveis.

Entendemos que um dos componentes centrais do Lulismo, que é a defesa dos avanços sociais e mais especificamente das políticas sociais em benefício dos mais pobres a partir da intervenção do Estado esteve muito presente no conteúdo das entrevistas. O fato é que, por mais divergente que fossem sobre as mais diversas questões, inclusive seus votos, a defesa de maior intervenção do Estado por meio de políticas públicas foi unânime. Todas as entrevistadas, sem exceção, disseram acreditar na necessidade de maior atuação do poder público para melhorar suas condições de vida, seja com relação ao transporte público, às creches, à educação, ao sistema de saúde. Assim, acreditamos que a hipótese do Lulismo deve continuar sendo considerada para fins de estudos de comportamento eleitoral, e, eventualmente, testados em um novo estudo nas eleições de 2014 para presidência. Isso porque, uma vez que as eleitoras demonstraram não saber exatamente de quem são as competências, com relação aos entes do poder público, ao mesmo tempo em que não abrem mão das políticas públicas que beneficiam os pobres, nos parece que a campanha à presidência pode ser um momento especial de disputa desse eleitorado e que poderia nos dar mais pistas sobre como se formam suas preferências eleitorais.

Bibliografia

AVELAR, Lucia. **O Segundo eleitorado: tendências do voto feminino no Brasil**. Editora Unicamp, 1982, Campinas, 1982, 1ª Ed.

BRAGA, Ruy. **A política do precariado – do pós-fordismo à hegemonia lulista**. Editora Boitempo, 2012, São Paulo, 1ª Ed.

Brasil. **Emenda Constitucional no. 72 de 2 de abril de 2012**. Altera a redação do parágrafo único do art. 7º da Constituição Federal para estabelecer a igualdade de direitos trabalhistas entre os trabalhadores domésticos e os demais trabalhadores urbanos e rurais. Texto da Emenda Constitucional no. 72/2012. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc/emc72.htm

BRITES, J. Afeto e desigualdade: gênero, geração e classe entre empregadas domésticas e seus empregadores. **Cadernos Pagu**, v. 29, p. 91-109, jul./dez. 2007.

BRITES, J. Serviço doméstico: elementos políticos de um campo desprovido de ilusões. **Revista Campos**, v. 3, p. 65-82, 2003.

DIEESE; SPM. **As trabalhadoras domésticas e as mulheres dedicadas aos afazeres domésticos nas cidades de São Paulo e Salvador**: Relatório de Pesquisas. São Paulo, 2011. Convênio de Cooperação Técnica DIEESE e Secretaria de Políticas para as Mulheres “As Mulheres no Mercado de Trabalho Brasileiro: informações qualitativas e quantitativas”, abril de 2011.

FERREIRA, J. S. Trabalho em domicílio: cotidiano de trabalhadoras domésticas e patroas. **Caderno Espaço Feminino**, v. 23, n. 1/2, p. 339-360, 2010.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Pesquisa Nacional por Amstras de Domicílios (PNAD) 2011. Setembro, 2012**. Disponível em: ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilio_s_anual/2011/Volume_Brasil/pnad_brasil_2011.pdf. Último acesso em 20 de junho de 2012.

LIPSET, S. M. **O homem político**. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1968.

NÉRI, M. C. (Coord.). **A nova classe C**. Rio de Janeiro, FGV/IBRE, CPS, 2008.

POCHMANN Marcio. **Nova Classe Média? - O trabalho na base da pirâmide social brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2012.

SINGER, A.V. **Os Sentidos do Lulismo. Reforma Gradual e Pacto Conservador**. Cia das Letras, 2012, São Paulo, 1ª Ed.

SINGER, A. V. “Esquerda e direita no eleitorado brasileiro: a identificação ideológica nas disputas presidenciais de 1989 e 1994”. São Paulo, Edusp, 2002.

SISTEMA PED. **As características do trabalho doméstico remunerado nos mercados de trabalho metropolitanos**. São Paulo, mar. 2010. Convênio DIEESE/SEADE/MTEFAT e entidades regionais.

_____. **O emprego doméstico no período de 2000 a 2009 na Região Metropolitana de São Paulo**. São Paulo, mar. 2010. Convênio DIEESE/SEADE/MTEFAT e entidades regionais.

SOUZA, A. LAMOUNIER, B. **A classe média brasileira : ambições, valores e projetos de sociedade**. Rio de Janeiro : Elsevier ; Brasília, DF, CNI, 2010

SOUZA, Jessé. **Os batalhadores brasileiros – Nova classe média ou nova classe trabalhadora?**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SOUZA, Jessé. **Ralé Brasileira: quem é e como vive**. Rio de Janeiro. Editora Record, 2009.

TEIXEIRA, Juliana Cristina. **As patroas sobre as empregadas: discursos classistas e saudosistas das relações de escravidão**. Artigo vencedor da 8ª Edição do Concurso “Construindo a Igualdade de Gênero” do CNPq. Março, 2013.